

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA
DANIELA TEREZINHA RITA**

**LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: GÊNERO E AS RELAÇÕES ÉTNICOS
RACIAIS**

**Florianópolis
2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA
DANIELA TEREZINHA RITA**

**LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: GÊNERO E AS RELAÇÕES ÉTNICAS
RACIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Orientadora: Josilaine Antunes Pereira

**Florianópolis
2016**

Rita, Daniela Terezinha

Literatura na Educação Infantil: Gênero e as Relações
Étnicos Raciais / Daniela Terezinha Rita; orientadora,
Josilaine Antunes Pereira - Florianópolis, SC, 2016.
49 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1. Educação. 3. Literatura Infantil. 4. Étnico Racial. 5.
Gênero. I. Pereira, Josilaine Antunes. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Gênero e Diversidade na Escola.
III. Título.

DANIELA TEREZINHA RITA

LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: GÊNERO E AS RELAÇÕES
ÉTNICOS RACIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

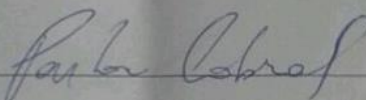
Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:

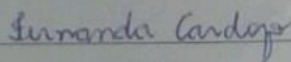


Olga Regina Zigelli Garcia

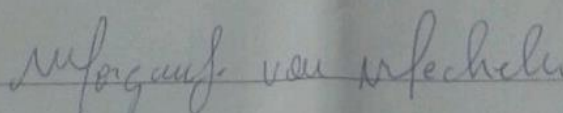
Banca Examinadora:



Paula Cabral



Fernanda Cardozo



Morgana Zardo von Mecheln

Dedicatória

Dedico esse trabalho aos meus familiares, pela paciência, companheirismo e dedicação, pois souberam respeitar minha ausência e me apoiaram nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Durante minha especialização, muitas pessoas fizeram parte de minha trajetória de vida e de profissão, pois realizei o curso no mesmo local em que estava fazendo mais uma graduação. Ao longo desse caminho encontrei pessoas maravilhosas que estiveram sempre ao meu lado são elas:

As minhas amigas Gabriela Vieira Nunes, Glademir Herberts e Isabella Lopes Parrella, pelo incentivo, apoio, amizade e mais que tudo pela ajuda em minha caminhada para concluir essa pós-graduação.

A minha maior incentivadora, minha mãe Terezinha Adília de Souza Rita, que não teve a oportunidade de concluir a escola, mas que sempre estive ao meu lado em todo percurso escolar e universitário.

A *Samira Vigano* tutora presencial do GDE que foi uma excelente professora, amiga e a alegria da turma Bertha Lutz. E falando em turma, nossa encontrei amigos que com certeza levarei para vida toda, pessoas queridas e amadas, grandes colegas de curso.

A minha orientadora *Josilaine Antunes Pereira*, por toda ajuda e apoio para que eu não desistisse sempre me colocando para cima com palavras de carinho e conforto.

A diretora da creche Caetana Marcelino Dias, *Dineia Ricardina de Souza* por ter autorizado que eu pudesse fazer o levantamento bibliográfico das obras literárias que foram utilizadas para minha pesquisa, inclusive é a instituição que trabalho.

A todos meus familiares, companheiras de trabalho e as professoras que fizeram parte de minha vida desde as séries iniciais até a universidade nos cursos de Pedagogia e Letras Espanhol, foi graças a elas que me apaixonei pela educação como todo, mas principalmente a educação infantil.

E finalmente o não menos importante meu namorado *Walisson Wagner Lopes*, por estar ao meu lado durante todo esse processo que foi concluir esse projeto de pesquisa, além de me ajudar na organização do mesmo.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de

duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate à fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Epigrafe

“Eu ouvi pessoas dizendo que eu não deveria falar nos direitos de pessoas gays e lésbicas... Eu preciso lembrar que Martin Luther King J.R disse: injustiça em qualquer lugar é uma ameaça a justiça de todos”

Coretta Scott King

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as produções literárias de cunho infantil que compõem o acervo bibliotecário de uma instituição infantil da rede pública municipal. Buscando compreender como a Literatura Infantil pode servir de ferramenta pedagógica para abordar questões de étnicas raciais e de gênero. No que se refere à metodologia, a abordagem da pesquisa é qualitativa, exploratória e bibliográfica. O método utilizado foi de Bardin (2009) para análise de conteúdo e é organizado em três fases: 1) pré-análise 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Os livros analisados a partir de quadros comparativos são: *As tranças de bintou* de Sylviane A Diouf que dialoga sobre a questão étnico racial, assim como o livro *Ana e Ana* de Celia Godoy que aborda questões sobre diferenças e semelhanças entre as pessoas, e *Menino brinca de boneca?* de Marcos Ribeiro esse livro geralmente é proposto em nossa unidade infantil, com o objetivo de mostrar a diversidade existente na educação infantil, e por fim os clássicos a adaptação de Laurence Bourguignon do livro *Branca de Neve e João e Maria* recontado por Ruth Rocha que discutem a concepção de infância na idade média. Após a investigação foi possível perceber como as crianças são representadas nas histórias infantis em diferentes contextos históricos, foi observada a partir da idade média com os livros *Branca de Neve, João e Maria* em que as crianças eram consideradas adultas em miniaturas. Nos livros *Menino brinca de boneca?* e *As tranças de Bintou* dialogam e questionam as brincadeiras, a literatura em sala de aula. Os professoras e professores ao proporem literaturas precisam ter um olhar atento para dialogar com as crianças mostrando que a sociedade está em constante transição de acordo com o contexto histórico e social. Esta pesquisa ajudou a compreender que os livros contemplam a diversidade existente na instituição de educação infantil, porém o número de literaturas encontradas foram poucas, evidenciando que quando o professor/a necessita propor essas temáticas ou utiliza os livros existentes no Centro de Educação Infantil ou eles mesmos adquirem as literaturas. Esse trabalho propõe algumas atividades que podem auxiliar as professoras e professores em suas propostas pedagógicas fazendo uso dos livros investigados. Em suma é importante trabalhar a literatura de maneira que as crianças se sintam contempladas que possam não perpetuar ou reproduzir os preconceitos e discriminação já existentes em nossa sociedade.

Palavras-chave: Literatura infantil. Relações étnico raciais. Gênero.

ABSTRACT

This work aims to analyze the children's literary productions that compose the librarian collection of the municipal public institution. Trying to understand how children's literature can serve as a pedagogical tool to address ethnic and racial issues. Regarding the methodology, the research approach is qualitative and bibliographical. The Bardin (2009) method used for content analysis is organized into three phases: 1) pre-analysis 2) exploration of the material and 3) treatment of results, inference and interpretation. The books analyzed from comparative tables are: *As tranças de Bintou* by Sylviane A. Diouf, that dialogues on the racial ethnic issue, as well as the book *Ana e Ana* by Celia Godoy that addresses questions about differences and similarities between people, and *Menino brinca de boneca?* by Marcos Ribeiro. This book is usually proposed in our children's unit, with the aim of showing the diversity that exists in early childhood education, and finally the classics of Laurence Bourguignon's adaptation of *Branca de Neve* and *João e Maria* recounted by Ruth Rocha discussing the conception of childhood in the middle ages. After the investigation it was possible to see how the children are represented in the children's stories and in different historical contexts, it was observed from the middle ages with the books *Branca de Neve*, *João e Maria* in which children were considered adults in miniatures. In Books *Menino brinca de boneca?* and *As tranças de Bintou* dialogue and question the games and the literature in the classroom. Teachers in proposing literatures need to have a close eye to dialogue with children showing that society is in constant transition according to the historical and social context. It is important to work on literature in a way that makes children feel rewarded and that they may not perpetuate or reproduce the prejudices and discrimination that already exist in our society.

This work proposes some activities that can help the teachers in their pedagogical proposals making use of the books that were analyzed. In short words it is important to work on literature in a way that makes children feel comfortable and so they may not perpetuate or reproduce existing prejudices and discrimination in our society.

Keywords: Children's literature. Ethnic racial relations. Genre.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

GDE – Gênero e Diversidade na Escola

LISTA DE FIGURAS

Branca de Neve – Jacob e Wilhelm Grimm adaptação Laurence Bourguignon.....	32
João e Maria – Jacob e Wilhelm Grimm adaptação Ruth Rocha.....	34
As tranças de Bintou – Sylviane Diouf.....	35
Ana e Ana – Célia Godoy.....	37
Menino brinca de boneca - Marcos Ribeiro.....	41

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2.	REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	19
3	APORTES TEÓRICOS E ANÁLISE DA PESQUISA.....	24
	3.1 Análise do livro: Branca de Neve	30
	3.2 Análise do livro: João x Maria	32
4	ETNIA E RAÇA.....	34
	4.1 Análise do livro: As tranças de Bintou.....	34
	4.2 Análise do livro: Menino brinca de boneca?.....	38
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
	REFERÊNCIAS.....	46

1. INTRODUÇÃO

Trabalho como professora na rede municipal de Florianópolis e percebo que com a lei da obrigatoriedade de propor literaturas que contemplem relações étnico/racial e Gênero, as professoras acabam por apresentar às crianças livros que geralmente não são avaliados pela instituição, e que muitas vezes possuem um preconceito velado que passa despercebido.

Além disso, parece que em algumas ocasiões as professoras apresentam dificuldades em discutir o tema gênero, pois nem sempre recebem formação suficiente sobre o assunto, assim como existe a problemática das famílias que levam suas culturas para dentro das instituições de educação infantil e por vezes se embasam em teorias religiosas para que seus filhos não recebam informações sobre o tema.

Com isso as professoras ficam de “mãos atadas”, pois se a família não aceita que seja dialogado em sala sobre Gênero, fica pergunta: o que fazer e como fazer, já que temos documentos oficiais que explicam que colocam como lei a importância de trabalhar o tema.

Essas são algumas questões que nos fazem refletir especificamente sobre essa temática, pois muitas vezes acabamos por esperar que ele surja em uma brincadeira, ou que as crianças demonstrem interesses em dialogar sobre o assunto já que elas a todo o momento nos questionam e também demonstram em suas ações.

Será que desde a pequena infância as crianças fossem incentivadas a brincar com todos os objetos e acessórios da sala o fato dele gostar de usar vestido seria tratado como algo problemático? Acontece que os próprios adultos possuem preconceitos e entendem um ato de brincadeira como um ato perturbador da ordem, por isso é tão difícil dialogar sobre esse tema.

Como professoras e professores, somos formadores de opinião e se queremos mudar o que estamos vivendo, ou seja, preconceito, discriminação, assim como minimizar estigmas que mulheres vão para cozinha e homens não fazem nada, temos que parar de perpetuar aquilo que está imposto desde sempre, pois caso ao contrario teremos uma regressão de valores já que as feministas e entidades negras lutaram tanto para que conquistássemos, como educadores é nosso dever propor atividades e leituras que contemplem de fato nossas crianças, para que quando adultas elas possam construir um mundo diferente do que temos agora, com mais tolerância e respeito ao outro.

No que se refere ao objetivo, esta pesquisa busca analisar as produções literárias de cunho infantil que compõe o acervo bibliotecário de uma instituição infantil da rede

pública municipal. Com isso compreender como a literatura na Educação Infantil pode servir de ferramenta pedagógica para abordar questão de raça/etnia e gênero?

Para explicar à questão Étnico racial trago a doutora e professora da UFSC Eliane Debus que tratou desse tema em seu texto *Meninos e meninas negras na literatura infantil brasileira: (des) velando preconceitos*, em que a autora faz uma análise de 5 livros de recepção infantil entre eles *menina bonita do laço de fita*, a autora termina seu artigo explicando que:

Por isso e mais um pouco, faz-se crucial o debruçamento teórico sobre a produção literária de recepção infantil, pois, a partir dele, se levantam reflexões, apontam-se questionamentos e, por que não, inviabiliza-se a circulação daqueles títulos que, imbuídos de preconceitos, colaboram para uma visão deturpada das relações étnico-raciais; por outro lado, o texto nunca é neutro, e algumas contradições e ambiguidades na sua estrutura servem também para promover contra argumentações e (re) forçar um discurso que leve em conta a construção de uma sociedade plural. (DEBUS, 2010. p. 206)

Em relação à temática Gênero, a tese de mestrado de Zandra Elisa Aguerllo Arguello cujo tema é *Dialogando com as crianças sobre gênero através da literatura infantil*, essa autora pode servir de embasamento teórico para o corpo docente das instituições infantis no processo dos planejamentos de aula, pois a autora propõe a importância de realizar desde cedo atividades para as crianças que contemplem a identidade de Gênero para desmistificar a visão de superioridade do masculino sobre o feminino:

Essas identidades têm sido pautadas por oposições binárias masculino-feminino, em que a identidade masculina é colocada em patamar de superioridade em relação à feminina, gerando relações desiguais entre os gêneros, vistas muitas vezes como “naturais”. Não corresponder a essas expectativas sociais e resistir a elas é geralmente considerado como um problema ou defeito social por parte de quem ouse questionar e se contrapor a tais situações. (ARGUELLO, 2005. p. 30)

Nesta perspectiva realizou-se um levantamento de dados das bibliografias infantis que fazem parte do acervo da biblioteca da instituição e também que são trabalhados pelos professores, até mesmo para poder responder a minha pergunta chave que é entender “Como a literatura na Educação Infantil pode servir de ferramenta pedagógica para abordar questões de Raça/etnia e Gênero”? E de que maneira está sendo discutidos esses assuntos.

Esta pesquisa se caracteriza numa abordagem qualitativa, exploratória e bibliográfica O método utilizado Bardin (2009) para análise de conteúdo, é organizado em três fases: 1) pré-análise 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Os livros analisados a partir de quadros comparativos são: *As tranças de Bintou* de Sylviane A Diouf que dialoga sobre a questão étnico racial, assim como o livro *Ana e Ana*

de Celia Godoy que aborda questões sobre diferenças e semelhanças entre as pessoas, e os livros que dialogam a temática Gênero: *Menino brinca de boneca?* de Marcos Ribeiro esse livro geralmente é proposto em nossa unidade infantil, com o objetivo de mostrar a diversidade existente no centro de educação infantil, assim como os clássicos Branca de Neve e João x Maria. Bem como foi realizado um levantamento dos livros que contemplam os temas raça/etnia e gênero que fazem parte do acervo da biblioteca da instituição infantil, assim como dos livros que as professoras usam para propor atividades às crianças em sala de aula.

Esse projeto foi de extrema importância, pois foi possível entender como as crianças são representadas nas histórias infantis em diferentes contextos históricos, foi observada a partir da idade média com os livros Branca de Neve, João x Maria em que as crianças eram consideradas adultas em miniaturas. Nos livros *Menino brinca de boneca?* e *As tranças de Bintou* dialogam e questionam as brincadeiras, a literatura em sala de aula. Ou seja, possuem voz e se fazem presente como aparecem nesses livros, por fim Ana e Ana que discute as diferenças e semelhanças que as crianças possuem entre elas, mostrando assim que ninguém é igual a ninguém:

Contudo, hoje em dia, encontramos autoras/es como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Fernanda Lopes de Almeida, Marcos Ribeiro, Ricardo Azevedo e Cristina Porto (brasileiros/as), Babette Cole, Robert Leeson, N.M. Bodecker, Graciela Cabal e Adela Turin, entre outros, que vêm criando histórias nas quais são problematizados os binarismos de gênero, os marcadores sociais do feminino e masculino, as fronteiras dos gêneros, as diversas identidades sexuais, etc. (ARGUELLO, 2005, p. 85)

Por tudo isso esse projeto propõe as professoras e aos professores, familiares e comunidade escolar, para terem um olhar mais atento às crianças que são os protagonistas, e que devemos mostrar a eles desde a primeira infância a importância de se respeitar as diferenças. Como professora percebo em minha prática que quando dialogamos sobre temas como Etnia/Raça e Gênero, acabamos por incentivar dessa maneira o respeito ao outro.

Vivemos em um planeta cheio de diversidade, para tanto temos a responsabilidade de mostrar para nossas crianças que para além das diferenças temos os mesmos direitos como cidadãos e seres humanos.

É necessário compreender que na escola elas interagem e aprendem juntas, sendo que as instituições públicas de Santa Catarina partem do pressuposto da importância da

interação entre as crianças e adultos/crianças seguindo a teoria de interacionismo de Vygotsky:

Para ele a criança inicia seu aprendizado muito antes de chegar à escola, mas o aprendizado escolar vai introduzir elementos novos no seu desenvolvimento. A aprendizagem é um processo contínuo e a educação é caracterizada por saltos qualitativos de um nível de aprendizagem a outro, daí a importância das relações sociais. (VYGOTSKY apud COELHO e PISONI, 2012, p. 148).

Em suma do ponto de vista da estrutura este trabalho se organiza da seguinte forma: a) Referencial Teórico e metodológico da pesquisa, que busca contar como se deu o caminho pesquisado; b) Aportes Teóricos e análise da pesquisa, que trata do referencial teórico específico sobre a temática e analisa os dados de campo; e c) Considerações finais que traz as descobertas, os dados obtidos e faz um fechamento do trabalho estudado.

Capítulo I

2. REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO DA PESQUISA

“Eu sustento que a única finalidade da ciência está em aliviar as misérias da existência humana”.
Bertold Brecht (2000)

Este capítulo tem como objetivo apresentar o caminho que foi realizado do ponto de vista metodológico da pesquisa. Assim como mostrar os autores que foram utilizados para embasar teoricamente este projeto.

A pesquisa é um processo de reunião de novas informações e dados sobre um fato de importância para uma determinada situação. Ela busca trazer e enaltecer dados que comprovem a existência, inexistência, a razão ou função de alguma informação, de forma que se torne útil para a sociedade e até mesmo, auxilie na realização de novas pesquisas.

Para Luna (2000 p.15) a pesquisa refere-se a “um conhecimento que preenche uma lacuna importante no conhecimento disponível em uma determinada área do conhecimento.”. Seu resultado é importante para o sucesso de trabalhos e pesquisas que a seguem, já que muitos assuntos estudados passam a ter um novo referencial após o êxito na conclusão dos estudos.

Este trabalho se constitui condição *sine qua non*, do ponto de vista do exercício do estranhamento, já que como afirma o antropólogo Bronislaw Malinowski (1976), “não se vai a campo isento de teoria. É condição fundamental ao pesquisador na pesquisa qualitativa”. Ou seja, além de não irmos a campo isento de teoria, esta pesquisa tem uma função social de desvelar “Como a literatura na educação infantil pode servir de ferramenta pedagógica para abordar questões de raça, etnia e gênero”? E de que maneira está sendo discutidos esses assuntos.

Deste modo, essa pesquisa se caracteriza como dialética, pois, segundo Piton (2000) vários autores com diferentes olhares já pensaram a respeito do método dialético na pesquisa (OLIVEIRA, 1998; GIL, 1994; BOTTOMORE, 1988).

Já a metodologia foi orientada pelas referências teóricas de Ludke e André (1986), quando mostram as características da concepção qualitativa, de Mirian Goldenberg (2004), quando aponta como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais e Bardin (2009) que propõe o método de análise de conteúdo.

Do ponto de vista da tipologia da pesquisa, se constitui quanto aos objetivos em exploratória, pois permite maior familiaridade com o problema de pesquisa. Já quanto aos procedimentos técnicos se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica¹.

O locus desta pesquisa foi o centro de educação infantil Caetana Marcelino Dias, no Ribeirão da Ilha em Florianópolis - SC.

Ainda no que tange está pesquisa foi utilizado o método de Bardin (2009). Segundo a autora, para que uma investigação seja concluída deve-se dividir aquilo que será pesquisado em três fases, 1) pré análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A primeira fase, **pré-análise**, é desenvolvida para sistematizar as ideias iniciais colocadas pelo quadro referencial teórico e estabelecer indicadores para a interpretação das informações coletadas. De forma geral, efetua-se a organização do material a ser investigada, tal sistematização serve para que o analista possa conduzir as operações sucessivas de análise. (BARDIN, 2009 apud SILVA; FOSSÁ, 2013, p.3).

A pré-análise ou levantamento de bibliografia ocorreu no mês de setembro de 2016. Devido à ampliação das salas da instituição infantil a biblioteca foi extinta temporariamente, desse modo à maioria dos livros foram guardados em um armário no corredor entre as salas e alguns ficam na sala da diretora. Como não estavam em ordem levei pelo menos uma semana para poder localizar os livros que seriam analisados, e no final das contas foram encontrados apenas 5 livros que dialogam os temas citados. Quanto ao espaço das salas da instituição, em todas sem exceção os livros se repetiam, o acervo ainda é menor do que os demais livros da creche, sendo que as bibliografias em sua maioria ficam nas caixas ou armários, salvo alguns que ficam expostos, esses as crianças tem acesso. Como foram poucos os livros encontrados que propõem os temas raça, etnia e gênero, foi descartada a tabela que seria utilizada para concluir o projeto de pesquisa.

A segunda fase do processo de investigação foi a que Bardin caracteriza como exploração do material:

Concluída a primeira fase, acima descrita, parte-se para a exploração do material, que constitui a segunda fase. A exploração do material consiste na construção das operações de codificação, considerando-se os recortes dos textos em unidades de registros, a definição de regras de contagem e a

¹ A descrição dos procedimentos metodológicos foi extraída e adaptada de textos escritos pela orientadora desta pesquisa, a professora Josilaine Antunes Pereira.

classificação e agregação das informações em categorias simbólicas ou temáticas. (BARDIN, 2009 apud SILVA; FOSSÁ, 2013, p 4).

A segunda etapa foi o momento de ler, registrar e começar a responder as perguntas principais da pesquisa. Após o levantamento das bibliografias levantadas, iniciou-se a etapa de leitura e registro dos documentos que seriam analisados. De tantos livros que a instituição possui para minha surpresa, apenas cinco deles dialogam os temas propostos por essa pesquisa foram encontrados, são eles: *As Tranças de Bintou*, *Ana e Ana*, *Branca de Neve*, *Menino brinca de boneca?* *João x Maria*.

Como já dito foi uma surpresa saber que na instituição infantil que trabalho poucos livros tratam sobre etnia, raça e gênero, até porque desde 1997, existe o Programa Nacional de Biblioteca da Escola. O PNBE - distribui livros a escolas de todo o país, tendo por objetivo democratizar o acesso a obras da literatura infanto juvenil brasileira e estrangeira. Quem executa essa distribuição é Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE - em parceria com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, e quem deve ser beneficiado com esses livros são as instituições públicas de Educação Infantil, do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos.

Por tudo isso meu estranhamento ao encontrar apenas poucos livros que abordam os temas dessa investigação. O próximo passo foi questionar a direção e a supervisão sobre a falta desses livros, elas alegaram que instituição recebe as literaturas, mas na maioria das vezes são livros que não incluem essas temáticas. Evidenciando dessa maneira que quando o professor/a necessita propor essas temáticas ou utiliza os livros existentes no Centro de Educação Infantil ou eles mesmos adquirem as literaturas.

Através do levantamento bibliográfico foi possível perceber a representatividade que as crianças possuem nos livros infantis, em *As tranças de Bintou* narra a história de uma menina africana, mostrando todas as suas aventuras e seu desejo de poder usar tranças em seus cabelos, essa literatura aborda a temática étnico/racial.

O livro *Ana e Ana* trata de duas irmãs gêmeas que querem ser respeitadas em suas individualidades, mas que no fim descobrem que o amor que sentem uma pela outra é maior que qualquer diferença, aborda indiretamente a temática étnico/racial.

Menino brinca de Boneca? Discute gênero de uma maneira sensível, falando sobre o tratamento diferenciado que meninos e meninas recebem em nossa sociedade.

Os clássicos, *Branca de Neve* e *João x Maria*, mostram que dependendo da sociedade e do momento histórico, as crianças são vistas de modo diferente, nesses livros a

narrativa é da idade média em que não existia o conceito de infância e as crianças eram tidas como adultos em miniaturas.

O que ainda pode-se enfatizar é o aprendizado que o pesquisador pode obter no trabalho de campo quando aborda uma temática como as relações étnico raciais e gênero como é o caso desta pesquisa. Além daqueles instrumentos oferecidos pela academia como um esquema conceitual, embasamento teórico, escolha metodológica, uma orientação segura, o pesquisador deve estar preparado para as surpresas ou os “imponderáveis” que emergem do trabalho de campo. O pesquisador tem que estar atento na linguagem verbal e não verbal, ou seja, o que não é dito, mas é expresso muitas vezes pelo olhar, pelos gestos, nas entrelinhas de suas falas, ou seja, estar atento ao que o corpo como um todo está nos falando. Bem como, desarmar-se de todo tipo de preconceito, suspender juízo de valor, pois o “moralismo” predominante na sociedade pode contaminar o olhar do pesquisador, enfim, o estranhamento e o distanciamento, como princípios metodológicos são imprescindíveis para se alcançar o mínimo desejado na investigação.

A terceira fase compreende o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, consiste em captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material coletado (entrevistas, documentos e observação). A análise comparativa é realizada através da justaposição das diversas categorias existentes em cada análise, ressaltando os aspectos considerados semelhantes e os que foram concebidos como diferentes. (BARDIN, 2009 apud SILVA; FOSSÁ, 2013, p.4).

O processo metodológico não foi um caminho fácil, pois a instituição não possui uma biblioteca fixa devido à construção de novas salas, com isso perdeu-se o espaço em que os livros geralmente ficavam. Dessa maneira, as literaturas infantis da creche, além de serem reduzidas estão no armário central no corredor, na sala da diretora ou guardados nas demais salas. Durante a primeira etapa da pesquisa todos os dias aproveitava meu intervalo de trabalho ou quando terminava meu expediente para fazer o levantamento bibliográfico.

Diante disso o próximo capítulo será mostrada os Aportes teóricos e a Análise de pesquisa.

Capítulo II

3. APORTES TEÓRICOS E ANÁLISE DA PESQUISA

*Eu tenho um sonho de que meus filhos um dia viverão
em uma nação que não os julgará pela cor da pele,
mas pelo seu caráter.
Martin Luther King JR*

Este capítulo busca mostrar as autoras e autores que serviram de embasamento teórico para a análise das produções literárias de cunho infantil que compõe o acervo bibliotecário de uma instituição infantil da rede pública municipal e com isso compreender como a literatura na educação infantil pode servir de ferramenta para abordar questões étnicas raciais e de gênero.

De acordo com o Plano Nacional de Implementação da Lei nº 10.639/2003, o papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, para a formação da personalidade e aprendizagem. Nos primeiros anos de vida, os espaços coletivos educacionais os quais a criança pequena frequenta são privilegiados para promover a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito, discriminação e racismo. As crianças deverão ser estimuladas desde muito pequenas a se envolverem em atividades que conheçam, reconheçam e valorizem a importância dos diferentes grupos étnico-raciais na construção da história e da cultura brasileiras (BRASIL, 2003).

As crianças pertencem a diferentes contextos socioculturais e não só produzem sua própria história, mas significações e possibilidades de construção da sua existência concreta, na sua diversidade humana, onde conhecer suas origens e a história do seu país é de extrema importância desde a Educação infantil, onde está especificada nas Diretrizes Curriculares Nacionais, apontada nos princípios fundamentais para a organização do trabalho pedagógico destacando um deles; a diversidade cultural, pois ao tratarmos sobre a diversidade, não estou definindo-a apenas como tema do projeto, pois a percebendo como um princípio presente na constituição das relações sociais, e que necessita ser observado pensando e considerado em todos os planejamentos, de modo sistemático e fundamentado.

Assim, quanto à organização do currículo da educação infantil é necessário que se tenha:

O combate ao racismo e às discriminações de gênero, socioeconômicas, étnico-raciais e religiosas deve ser objeto de constante reflexão e intervenção no cotidiano da Educação Infantil. As ações educativas e práticas cotidianas

devem considerar que os modos como a cultura medeiam as formas de relação da criança consigo mesma são constitutivos dos seus processos de construção de identidade. A perspectiva que acentua o atendimento aos direitos fundamentais da criança, compreendidos na sua multiplicidade e integralidade, entende que o direito de ter acesso a processos de construção de conhecimento como requisito para formação humana, participação social e cidadania das crianças de zero a cinco anos de idade, efetua-se na interrelação das diferentes práticas cotidianas que ocorrem no interior das creches e pré-escolas e em relação a crianças concretas, contemplando as especificidades desse processo nas diferentes idades e em relação à diversidade cultural e étnico-racial e às crianças com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. (BRASIL, 2009. p. 89)

Dessa maneira é necessário que se contemplem todos os sujeitos que pertencem à educação infantil, toda a comunidade escolar entendida pela família, corpo docente, os discentes, administrativo e funcionários.

As Diretrizes Curriculares para a Educação Básica da rede municipal de Florianópolis afirma:

Tomar a Educação Integral como concepção fundante da Educação Básica implica no reconhecimento de que sujeitos da aprendizagem, ao convergirem para as instituições educativas de Educação Infantil e Ensino Fundamental e suas respectivas modalidades, têm o direito de desenvolver as suas múltiplas dimensões, bem como conviver com a diversidade, construindo conceitos e valores que possibilitem a produção do conhecimento, o domínio de seus métodos, de suas técnicas e de seus procedimentos de mobilização na resposta a diferentes demandas sociais, problematizando a realidade na qual estão inseridos, o seu próprio tempo e lugar histórico e forjando a sua cidadania. (SANTA CATARINA, 2015, p.16).

Nesta perspectiva as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico raciais aponta que:

Consta no artigo 3º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, lei 10639/03, que tais diretrizes têm por meta a educação de cidadãos atuantes no seio da sociedade brasileira, que é multicultural e plural, capazes de, por meio de relações étnico-sociais positivas, construir uma nação democrática. (BRASIL, 2012, p. 89)

Segundo as Diretrizes Educacionais Pedagógicas para a educação infantil (2012), a diversificação das linguagens tem vários objetivos; Domínio dos signos, símbolos e materiais; A expressão e as manifestações das culturas infantis; A apreciação e a experiência literária e estética através da música e das artes plásticas e visuais; Aproximação gradual com

a linguagem escrita, preferencialmente com as narrativas, as histórias, conversação e enriquecimento de repertório literário e poético.

A educação infantil é a primeira etapa do ensino básico, portando é dever da escola, da professora e do professor que trabalha nessa área de ensino, propor discussões e atividades, que possam abranger todas as crianças que dela fazem parte, e a literatura infantil s um dos meios que o educador pode atingi-las ampliando dessa maneira seus repertórios linguísticos e assim como exterminar os preconceitos contra o outro (negro, branco, índio/menino ou menina).

No texto “As vozes das margens na literatura de recepção infantil e juvenil: reflexões sobre a produção de Georgina Martins”, a autora Debus (2012) dialoga sobre a problemática de se trabalhar temas polêmicos como desigualdade social, homossexualidade e preconceito racial na literatura infantil- juvenil. Ela explica que problematizar esses temas, por certo, exige um “lidar” com uma linguagem que leve em conta esses interlocutores. Este artigo apresenta a leitura de três livros de Georgina Martins: O menino que não se chamava João e a menina que não se chamava Maria (1999), No olho da rua: historinhas quase tristes (2004) e Uma maré de desejos (2005), trazendo à tona reflexões sobre um fazer literário que apresenta, de forma sensível, ao leitor as “vozes das margens” (Hall, 2006), sem maquiagem as agruras e mazelas das desigualdades sociais em que vivem as personagens crianças dessas narrativas. A aproximação com narrativas que fujam do repertório cristalizado para o público infantil contribuem para a formação de leitores mais comprometidos e sensíveis com o Outro.

Trabalhando na educação infantil sei o quanto é difícil dialogar sobre esses temas citados acima por Debus (2012). Sinto a mesma dificuldade quando o assunto é propor atividades que contemplem a discussão de gênero, pois infelizmente para nossa sociedade ainda tratam esse tema como um assunto polêmico, então sempre tenho que “pisar em ovos”, para que as famílias não achem que estou querendo incentivar algo aos seus filhos. Tento sempre me embasar teoricamente e peço apoio à direção e supervisão para que a polêmica não se torne algo maior do que o próprio tema. Acredito como professora que meu dever seja contribuir na formação de cidadãos conscientes e sem preconceitos, portanto mesmo que seja difícil, faço minha parte sempre utilizando em minhas propostas, os temas que fazem parte do contexto da vida das crianças e etnia/gênero não fogem a regra. Tento propor não somente quando o tema surge, mas a todo o momento que dialogamos dentro e fora de sala, pois se queremos uma sociedade menos machista e preconceituosa, temos que mostrar que esses assuntos existem desde sempre.

“O texto A linguagem literária e a pluralidade cultural: contribuições para uma reflexão étnico-racial na escola” (DEBUS E VASQUES, 2009), as autoras escreveram este artigo com o objetivo de dar visibilidade às leituras literárias destinadas ao público infantil e juvenil, que enfatizem o tema étnico-racial, ou ainda, títulos que incluam a real participação de personagens negras, costumes afro-brasileiros e informações culturais produtoras de identificação entre o leitor e a narrativa, contribuindo, assim, com as mudanças atuais na história da educação brasileira. As autoras fizeram uma análise de cinco títulos que títulos trazem a presença da cultura africana e afro-brasileira. Da análise desses títulos, constatou-se, acima de tudo, que um dos caminhos para o entendimento e a consciência acerca da pluralidade cultural está também na apropriação da leitura literária produtora de identidade e inclusão social.

As crianças têm a necessidade de se reconhecer nos espaços da creche, e para tanto ao se propor leituras que englobem cultura africana e a diversidade cultural, as crianças passam a se perceber nesses espaços o qual estão inseridas.

É significativo para o desenvolvimento humano, para a formação da personalidade e aprendizagem. Nos primeiros anos de vida, os espaços coletivos educacionais que a criança pequena frequenta são privilegiados para promover a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito, discriminação e racismo. As crianças deverão ser estimuladas desde muito pequenas a se envolverem em atividades que conheçam, reconheçam e valorizem a importância dos diferentes grupos étnico-raciais na construção da história e da cultura brasileiras. (BRASIL, 2009, p. 48)

Assim como:

Independentemente do grupo social e ou étnico racial a que atendem, é importante que as instituições de educação infantil reconheçam o seu papel social de atender às necessidades das crianças constituindo-se em espaço de socialização, de convivências entre iguais e diferentes e suas formas de pertencimento, como espaços de cuidar de educar, que permita as crianças explorar o mundo, novas vivências e experiências ter acesso a diversos materiais [...]. (BRASIL, 2006, s/n)

Em nossa ilha, Florianópolis, encontram-se famílias de várias regiões brasileiras e até de outros países por ser uma ilha turística. Portanto nada mais importante do que propor para as crianças atividades que envolvam Gênero, etnia e cultura enfim focando a diversidade cultural que encontramos em nossa cidade e em nossa creche, mostrando á elas dessa maneira que somos plurais diferentes uns dos outros, no entanto essa diversidade só nos mostra o

quanto nosso país é diverso e multicultural, assim devemos sempre respeitar o outro como a nós mesmos.

Gênero refere-se ao dado social, formado por um aparato de regras e padrões de construção corporal e comportamento que configuram a identidade social das pessoas a partir do substrato físico-biológico, do que resultam identificações como masculino e feminino, bem como as múltiplas variantes que desviam da norma, como androginia, travestismo, efeminação ou masculinização. (MUSSKOPF, 2008, p. 48)

Portanto a categoria de gênero surgiu como forma de mostrar a história que é tributária de movimentos sociais de mulheres, feministas, gays e lésbicas. Tem uma trajetória que acompanha a luta por direitos civis, direitos humanos, enfim, igualdade e respeito.

E era justamente pelo fato de que as palavras na maioria das línguas têm gênero, mas não têm sexo, que os movimentos feministas e de mulheres, nos anos oitenta, passaram a usar esta palavra “gênero” no lugar de “sexo”. Buscavam, desta forma, reforçar a ideia de que as diferenças que se constataavam nos comportamentos de homens e mulheres não eram dependentes do “sexo” como questão biológica, mas sim eram definidos pelo “gênero” e, portanto, ligadas à cultura. (PEDRO, 2005, p 77)

A categoria gênero está cada vez mais presente nas discussões acadêmicas, nos movimentos sociais, nas organizações não governamentais e nas esferas do poder público, especialmente quando se discutem políticas públicas. “A categoria gênero é entendida como “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. (SCOTT, apud WOLF; SILVA; e PEDRO, 2015, p. 9)

É evidente que a professora ou o professor ao apresentar livros que contemplem gênero ele necessita ter o mínimo um conhecimento prévio do tema, como por exemplo, quanto a Identidade de Gênero que é a maneira como alguém se sente e se apresenta para si e para as demais pessoas como masculino ou feminino, ou ainda pode ser uma mescla, uma mistura de ambos, independentemente do sexo biológico (fêmea ou macho) ou da Orientação Sexual (orientação do desejo: homossexual, heterossexual ou bissexual). É a forma como nos reconhecemos a nós mesmo e desejamos que os outros nos reconheçam. Isso inclui a maneira como agimos (jeito de ser), a maneira como nos vestimos, andamos, falamos (o linguajar que utilizamos). Também não devemos tratar o Feminismo como o contrário de Machismo. Já que o Feminismo é um movimento político, filosófico e social que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens enquanto que o machismo prega é um movimento de repressão e repúdio aos direitos igualitários entre homens e mulheres, diferentemente o feminismo

funciona não como uma tentativa de sobrepor o "poder feminino" sobre o masculino, mas sim de lutar pela igualdade entre mulheres e homens em todos os setores da sociedade.

Temos que educar nossas crianças desde cedo para que elas não deem continuidade àquilo que está imposto, como por exemplo, mulheres têm de casar, cuidar dos filhos, enquanto que os homens devem trabalhar fora e procriar. Precisamos ensinar nossas crianças que não é natural violência contra mulheres, ter preconceito quanto aos homossexuais, aos negros, as mulheres. Se quisermos um mundo melhor temos que o mais cedo possível mostrarmos para nossos alunos que vivemos em um mundo cheio de cores e diversidades e que podemos viver com as diferenças, desde que nos propusermos a respeitar todos ao nosso redor, para que dessa sejamos respeitados. Cada semente de informação, conhecimento, diálogo, que plantamos em uma criança é um ser humano a menos que deixa de sofrer preconceito e que conseqüentemente não reproduz a violência quanto ao outro.

No que se refere à temática de gênero o acervo da biblioteca do centro de educação infantil em que foi feito o levantamento bibliográfico, foram encontrados 3 livros que contemplem a temática gênero, são eles: João x Maria recontado por Ruth Rocha, Branca de Neve dos irmãos Grimm uma adaptação de Laurence Bourguignon e mais o específico, Menino Brinca de Boneca? De Marcos Ribeiro, esse último aborda diretamente o tema e será a literatura que fechará essa pesquisa.

A partir de agora irei começar minha análise, para tanto começarei com dois clássicos da literatura mundial Branca de Neve adaptação Laurence Bourguignon e João x Maria recontada por Ruth Rocha. Porém antes de me aprofundar nas literaturas trarei um pouco sobre o conceito de infância na idade média.

De acordo com Arié (1978), durante a idade média do século XVII, uma criança pequena se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude. Sendo que a transmissão dos valores e dos conhecimentos, e de modo mais geral, a socialização da criança, não era, portanto nem asseguradas nem controladas pela família. Naquele contexto histórico a criança se afastava logo de seus pais, e pode-se dizer que durante séculos à educação foi garantida pela aprendizagem, graças à convivência da criança ou do jovem com os adultos. Desse modo a criança era tratada como um adulto em miniatura não existindo assim a distinção entre crianças e adultos.

Sabendo que os clássicos Branca de Neve e João x Maria foram escritos na idade média pelos irmãos Grimm, mas que ao longo dos séculos teve muitas reedições, releituras e adaptações ao lê-los em sala devemos explicar que na época dessas literaturas não existia o conceito de infância, explicando que esse conceito é algo que foi construído historicamente, e

que cada sociedade ver e trata a criança de acordo com a sua cultura, suas crenças. Mostrando assim que na época que esses livros foram lançados não existia quase nenhuma diferença entre criança x adulto.

3.1 Análise do livro: Branca de Neve

O livro Branca de Neve é um clássico mundial que foi escrito na idade média, no contexto histórico daquela época dava-se ênfase ao trabalho doméstico e tratava o casamento como o único meio de ascender socialmente e ser “feliz para sempre”. Durante séculos esse livro teve várias adaptações, releituras, virou filme da Disney, enfim sofreu muitas mudanças desde sua narrativa original escrita pelos irmãos Grimm. O livro analisado é a adaptação de Laurence Bourguignon.

O autor narra a história de Branca de Neve, uma menina que perde a mãe ainda criança e é criada por seu pai e sua madrasta uma mulher invejosa, orgulhosa, ambiciosa e vaidosa que acredita que ser bonita é tudo na vida, tanto que quando o espelho diz que Branca de Neve é mais bonita que ela, decide então que a menina tem que morrer (*não quero mais vê-la, leve-a para a floresta. mate-a e me traga seus pulmões e seu fígado como prova*), ordenando dessa maneira que o caçador tire a vida de Branca de Neve. O caçador não tem coragem de matar a menina que foge para a floresta e vai viver na casa de sete anões e como pagamento por sua estadia, a protagonista passa seus dias limpando e cozinhando para seus benfeitores (*quando voltavam, à noite, uma boa refeição os esperava*) o narrador explicando a condição da menina. Com o tempo a madrasta descobre que a menina continua viva e faz de tudo para que ela morra: primeiro com o corpete apertado, depois com o pente envenenado, e por último uma maçã envenenada. Por fim Branca desfaleceu com um pedaço de maçã que ficou preso a sua garganta. Durante um tempo ela ficou em um caixão de vidro tida como morta, os anões se revezavam para velar seu corpo, eles não tinham coragem de enterra-la. Porém um dia um príncipe viu a menina no caixão e logo se apaixonou. Então ele pediu para os anões que o deixasse ficar com ela. Com a aprovação dos anões seus ajudantes carregaram o caixão, mas um deles tropeçou e deixou-o cair no chão, foi quando a protagonista expeliu o pedaço de maçã voltando à vida. Assim que conheceu o príncipe ela também se apaixonou por ele, então casaram e viveram ‘felizes para sempre’. Quanto à madrasta acabou morrendo após se obrigada a calçar sapatos de ferro.

Nesta literatura os personagens viviam provavelmente na idade média, uma época em que as mulheres deviam obediência aos homens da família e quando contraíam

matrimônio, aos seus maridos. Em Branca de Neve mesmo as protagonistas sendo mulheres, são os homens que realizam as maiores ações da história, por exemplo, o príncipe que salva Branca da morte. Mostrando assim que em determinadas época a sociedade tinha outros valores, ou seja, as mulheres não tinham muitas opções a não ser casar, irem para o convento, ou cuidar da família.

A literatura é linguagem, produto de uma determinada época, que exprime valores e representações da experiência humana, ao tempo que contribui para produzir os discursos que criam tais valores e representações. Cada época produziu um determinado tipo de literatura, e talvez o que interesse seja se indagar: quais foram às condições que permitiram a emergência daquelas manifestações e por que aquelas manifestações – e não outras – foram reconhecidas como literatura? Compreender as circunstâncias e as especificidades em que emerge e evolui a literatura é acompanhar a marcha das transformações culturais da sociedade. (ARGUELLO, 2005, p 77)

No entanto, hoje temos que propor a literatura na educação básica, de maneira que as crianças percebam como as mulheres conquistaram direitos através das lutas feministas, que exercem muitas vezes a mesma função de um homem, estudam nas universidades e podem optar por não casarem ou não terem filhos, que os valores mudam de acordo com o momento histórico, e que mulheres e homens diante da constituição de 1988 possuem os mesmos direitos.

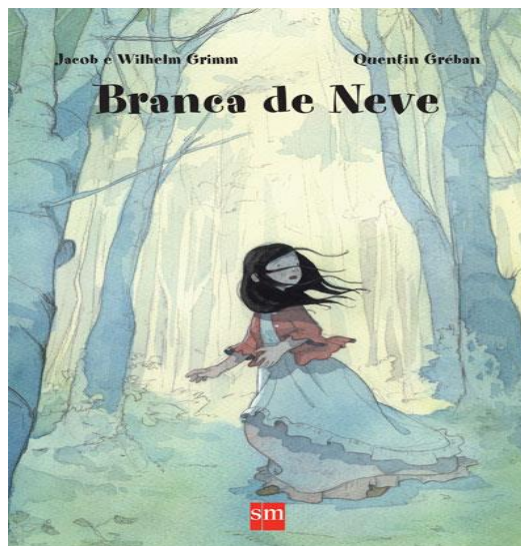


Figura 4: Branca de Neve
Fonte: 1ª edição, janeiro 2013.

3.2 Análise do livro João x Maria

Assim como Branca de Neve João e Maria é um Clássico que faz parte da coleção dos irmãos Grimm, que a autora Ruth Rocha reconta a sua maneira essa história que teve muitas roupagens, ou seja, diversas narrativas diferentes ao longo do tempo.

A autora Narra esse clássico de maneira a mostrar como os irmãos “*João e Maria*” conseguiram sobreviver a tantas aventuras e desventuras que viveram quando foram deixados na floresta por seus pais.

João X Maria eram duas crianças que eram irmãos e viviam com seus pais. O pai das crianças era lenhador e a mãe dona de casa. A família era de classe media baixa e vivia passando por dificuldades financeiras. Então a mãe e o pai para não verem mais seus filhos passando fome resolveram que o melhor abandona-los na floresta. Mas João era esperto e deixou pedrinhas no caminho para que pudessem voltar para casa. Porém a família está cada vez mais passando por necessidades alimentares e assim novamente as crianças foram abandonadas na floresta, dessa vez Maria e João não conseguiram voltar para a casa. Então no desespero saíram a caminhar pela floresta até que encontraram uma casa feita de doces. Nessa casa havia uma velhinha que ofereceu ajuda as crianças. Na verdade a velha era uma bruxa que atraía as crianças usando doces, mas no final acabava por comê-las. Porém no caso dos irmãos ela trancou João em uma jaula e obrigou Maria a cozinhar todos os dias para seu irmão até que ele engordasse e a bruxa pudesse comê-lo (*Todos os dias Maria tinha que cozinhar para Joãozinho uma porção de comidas, que a velha queria que ele engordasse e ficasse que nem um leitãozinho! João x Maria, p. 23*). João encontrou um ossinho de galinha e conseguiu fazer de conta que não estava engordando, enganando assim a velha que já estava cega e não percebeu que estava sendo enganada pelo menino. Quanto a Maria foi a grande heroína dessa história, pois conseguiu derrubar a velha no forno, soltou o irmão da gaiola e juntamente com ele levou todas as caixas de ouro e moedas que encontram na casa da velha para seus pais (*E, botou meio corpo dentro do forno, Maria não perdeu tempo. Empurrou a bruxa com toda força e, quando ela caiu lá dentro, fechou a porta bem depressa e trancou. Correu para soltar Joãozinho... João x Maria, p.. 26*). Com as riquezas que Maria e João levaram para a família, eles nunca mais tiveram dificuldades e viveram “felizes para sempre”.

Esse clássico nos mostra como ainda se tinha a visão de que a mulher tem esse papel de ser do lar e fazer serviços domésticos como citado acima quando Maria foi obrigada a cozinhar para seu irmão. Para nós professoras cabe propor esses livros de maneira diferente,

ou seja, dando ênfase ao fato de que Maria é realmente a heroína da história, pois além de salvar a família da miséria ela ainda salvou o irmão da morte.

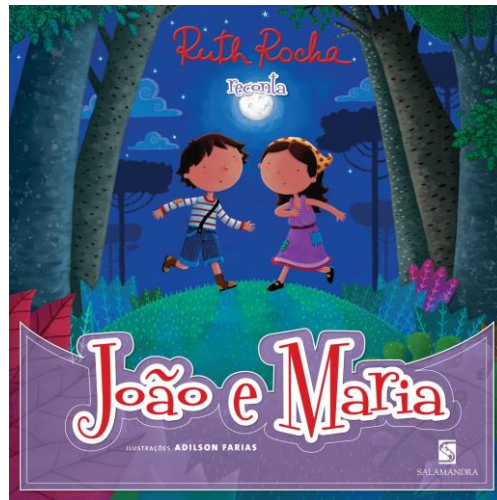


Figura 1: João e Maria
Fonte: 1ª edição, Rio de Janeiro, 2010.

4. ETNIA E RAÇA

A lei 10639/03 coloca a importância de se propor conteúdos e literaturas que contemplem a cultura africana e indígena mostrando as contribuições que esses povos tiveram na construção desse país:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil. (Lei 10639/03, 09/01/2003.).

4.1 Análise do livro: As tranças de Bintou

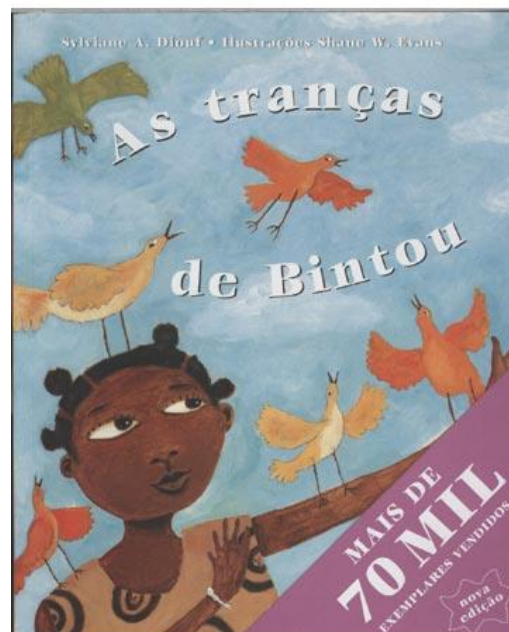


Figura 1 as tranças de Bintou.
Fonte: Editora Cosac Naify, 2ª. ed., 2010

Sylviane Diouf A. é uma historiadora premiada da diáspora Africano. Ela é a autora de *Exilados da escravidão: A história dos quilombolas Americanos* (NYU Press, 2014); e *Servos de Deus: Africanos muçulmanos escravizados nas Américas* (NYU Press, 1998). A edição de décimo quinto aniversário dos *Servos de Deus*-named Outstanding Academic do livro em 1999, foi lançado em 2013. Diouf escreveu livros para crianças sobre a história

Africana e escravidão americana. Reis e rainhas da África Ocidental partem de uma série de quatro livros, ganhou o Prêmio Livro Africana Associação de Estudos Africanos 2001 para os leitores mais velhos. *Seu livro ilustrado de Bintou Tranças foi traduzido para Francês e Português.*

As tranças de Bintou de Sylviane A, Diouf sendo as ilustrações de Shane W. Evans narra a história de uma menina chamada Bintou que vivia com sua família em uma tribo africana. A menina não gostava muito de seu cabelo (*Meu cabelo é curto e crespo. Meu cabelo é bobo e sem graça, Bintou falando sobre não gostar de como seu cabelo é*), pois sempre usava o mesmo penteado, seu maior sonho era usar tranças em seu cabelo como sua irmã Fatou, porém devido à cultura de seu povo enquanto fosse criança ela só poderia usar birotos (coquinhos). Esse livro mostra alguns aspectos da cultura africana como, por exemplo, os trajes utilizados pelos personagens (mulheres e meninas usam vestidos coloridos e algumas mulheres usavam tranças com miçangas nas pontas ou turbantes, os homens calça branca, o homem mais velho da tribo usava uma roupa toda branca e um gorro). Nas festas típicas nesse caso o ritual de apresentação do irmão mais novo de Bintou todos que moram na tribo e os convidados participavam, foi neste evento que foi escolhido o nome do bebê ‘Abdou’. Quanto à alimentação tem muito peixe, arroz, carneiro, molhos apimentados y misturas de alimentos doces com salgados. A autora explica que nessa os mais velhos são bastante respeitados, são eles que decidem o que acontece na tribo e são os que continuam as tradições do povo, por exemplo, em relação à somente moças poderem usar tranças no cabelo que é uma tradição local, (*Vovó Soukeye sabe tudo, Bintou referindo-se ao conhecimento que sua avó tinha devido a ter vivido mais e assim ter aprendido mais*). No final da história Bintou entende que na vida temos momentos para tudo e que deveria viver sua infância, pois um dia seria uma moça e com isso poderia usar suas tão desejadas tranças.

Nesse livro a autora aborda o tema étnico racial, mostra um pouco da cultura africana e suas tradições. No entanto não especifica exatamente em qual região Bintou vive isso é um fato importante que a autora deixa de fora da história. Sabendo que a região africana é imensa fica difícil apenas propor o livro dizendo que esse mostra a “cultura africana”, quando sabemos que temos muitas culturas africanas, dependendo da região é falado uma língua ou dialeto diferente, as roupas também podem modificar de acordo a tribo que se pertence, os rituais e festas também variam de país para país e assim por diante.

As Tranças de Bintou é um livro bastante utilizado para propor atividades com as crianças sobre a cultura africana, para tanto Eliane Debus explica a importância de sabermos selecionar os livros direcionados para esse público específico que são as crianças, ou seja, não

é porque temos uma lei de obrigatoriedade quanto a propor o tema étnico/racial que devemos levar qualquer livro para sala sem ao menos lê-lo antes:

O que ocorre é que o atrelamento histórico a um público leitor específico – a criança – fez com que essa literatura fosse se transformando, ao longo do tempo, na mesma proporção em que se altera a imagem social de infância. Também é necessário dizer que as transformações paulatinas, no tratamento dado à palavra e aos temas, fizeram com que os títulos para crianças e jovens conquistassem espaço editorial. Assim sendo, as reflexões sobre essa produção, contemporaneamente, têm ganhado fôlego, e são muitos os vieses de pesquisas que tentam abarcar a sua confecção, circulação e consumo. (DEBUS, 2010. p. 192)

Nesta perspectiva outro livro proposto pelas professoras em relação à temática das relações étnico racial é o livro *Ana e Ana*:



Figura 2: *Ana e Ana*
Fonte: Editora DCL, 1ª edição, 2003.

Este livro mostra a imagem de criança negra, *Ana E Ana* de Célia Godoy com ilustrações de Fê. O livro discorre sobre a história de duas irmãs gêmeas idênticas Ana Beatriz e Ana Carolina. Apesar de terem a aparência igual, as irmãs são bem diferentes uma da outra. Ana beatriz gostava da cor azul, de comer saladas, conversava com bichos e plantas, enquanto que Ana Carolina gostava da cor vermelha, de comer macarrão, de ouvir músicas no ultimo volume. Uma coisa que elas menos gostavam era ganhar tudo igualzinho: brinquedos, roupas, sapatos... Quando cresceram cada uma seguia uma carreira, Bia foi cuidar dos animais em extinção e Carol foi trabalhar em uma estação de rádio. O tempo passou e as irmãs se afastaram. Até que a saudade bateu e elas se reencontraram e descobriram que além da aparência elas tinham algo muito forte e comum, o amor que uma sentia pela outra.

Esse livro não aborda diretamente o tema etnia e raça, é possível perceber que relata a história de duas meninas negras devido às imagens das protagonistas, mas na realidade o tema central são as diferenças e as semelhanças entre as pessoas. Mostra que mesmo tendo a aparência igual, as meninas são completamente diferentes tanto na maneira de se vestir quanto em seus gostos. No entanto o amor que uma sentia pela outra era maior que qualquer diferença.

Muitas vezes no âmbito escolar ficamos tão focadas em planejar as aulas, em dialogar com os adultos, em preparar os espaços que nos esquecemos do nosso foco principal que são as meninas e meninos, que estão todos os dias ali esperando para trocar e para adquirir conhecimentos, assim como não nos damos conta o quanto temos diferentes crianças nesse espaço que é tão múltiplo; desse modo acabamos por agir como a avó das meninas Ana Beatriz e Ana Carolina que as confundia porque as via como idênticas, fazemos isso todos os dias nas creches e escolas, queremos tornar todos iguais, colocando-os em um padrão como se todos fossem homogêneos. Segundo o ECA: Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Parágrafo único. A garantia de prioridade compreende: a) primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias; b) precedência de atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública; c) preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas; d) destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude. (ECA Lei Nº 8.069, de 13 de Julho de 1990)

Sendo assim todas as crianças têm direitos iguais, de estudar, serem cuidadas, amadas, protegidas, alimentadas. No entanto isso não significa que são seres iguais, cada criança é única. Infelizmente o que se percebe no ensino público brasileiro é que temos crianças diversas, negras, brancas, indígenas, que vivem com famílias de baixa renda, com pouca escolaridade, com deficiências físicas e/ou mentais. Porém não são respeitadas em suas diferenças, geralmente sofrem preconceitos por serem diferentes da norma que nossa sociedade impõe. Por tudo isso cabe a nós professores buscar diminuir, fazer o enfrentamento às reproduções estereotipadas que a sociedade impõe. Para tanto necessitamos aguçar nossos olhares para nossos pequenos mostrando á eles que ser diferente é bom e que ademais de nossas diferenças temos os mesmos direitos de ir, estar e permanecer na escola, dessa maneira

eles possam se tornar adultos sem preconceitos, que não discriminem os outros devido à cor da pele ou classe social, por exemplo.

Para dá continuidade ao Tema Gênero e para finalizar a pesquisa, trarei o livro *Menino brinca de boneca?* De Marcos Ribeiro.

Este livro fala diretamente sobre a questão de Gênero. Como professora de educação infantil, sinto muita falta de material para abordar esse tema que está tão presente nas instituições de educação infantil e principalmente em nossa sociedade. Percebemos isso quando ouvimos as meninas dizerem que não brincarão de carrinhos por que é brinquedo de menino ou os meninos se negarem a usar uma roupa rosa devido acreditarem que seja uma vestimenta feminina. Mostrando desse modo que na educação infantil já se constata de forma bastante presente a divisão de gênero como algo do corpo biológico como aparece no seguinte fragmento:

Há uma associação muito grande entre a anatomia (que é biologicamente dada) e os papéis sociais de homens e mulheres (que são socialmente construídos). Assim, as crianças logo ao nascer (muitas vezes ainda no útero, com o sexo do bebê), são “rotuladas” conforme os atributos de gênero: aos meninos, os atributos de força, de atividade, de controle de sentimentos, a cor azul; ás meninas, os atributos como delicadeza, passividade e expressão das emoções, afetividade, e a cor rosa. (SARTORI, 2006. P. 29)

As crianças costumam trazer de casa as crenças familiares e reproduzem muitas vezes os papéis que estão inseridos no âmbito familiar, como por exemplo, a menina sendo a mãe fazendo serviços domésticos, cuidando dos filhos enquanto que o papel de pai cabe ao menino que trabalha fora para sustentar a família.

4.2 Análise de livro: Menino brinca de boneca?

O livro *Menino brinca de boneca?* de Marcos Ribeiro, este autor é sexólogo, com formação no curso de Educação Sexual pelo Centro Nacional de Educação Sexual (havana, Cuba), as ilustrações são de Bia Salgueiro. Esta literatura é uma ferramenta pedagógica que contribui com o trabalho em sala de aula. Ela aborda diretamente o papel do homem e da mulher em nossa sociedade, citando exemplos de situações que acontecem na escola e em casa, e dos obstáculos que permeiam uma educação mais igualitária entre meninos e meninas mostra os adultos afirmando que meninos não brincam de boneca, falam grossos, são mais inteligentes, mais espertos, mais corajosos, forte como o papai. Que menina é mais delicada, mais obediente, mais sensível, mais comportada, boazinha como a mamãe. Este livro utiliza

uma linguagem simples e direta, auxiliando os professores e pais na hora de falar com as crianças sobre sexo e sexualidade, principalmente no que diz respeito ao papel do homem e da mulher na sociedade brasileira, questionando o machismo e a obrigação dos afazeres domésticos às mulheres. Ribeiro discute preconceitos, estereótipos e a forma como a sociedade contribui para que tais comportamentos sejam transmitidos de geração a geração: com vantagens e privilégios para o menino (homem), em detrimento da menina (mulher).

Sobre essa literatura Frei Betto afirma:

Neste livro, o autor coloca a questão do masculino-feminino de forma muito didática, acessível a leitores de qualquer idade. Sobretudo, ele estimula o jovem leitor a refletir, decidir-se, opinar. Esta é, portanto, uma obra muito educativa porque aborda, num estilo muito agradável e graças às ilustrações de Bia Salgueiro, um aspecto fundamental de nossa cultura ainda impregnada de heranças patriarcais. (FREI BETTO, 2001, s/p)

O livro é bastante esclarecedor mostrando que brincadeira não tem sexo, por isso, meninos e meninas devem brincar do que tiverem vontade. O brincar não exerce influência alguma sobre a orientação sexual simplesmente porque, para as crianças, não tem essa conotação. O autor desmistifica os papéis de homem e de mulher atribuídos aos sexos desde a infância, estimulando o jovem a refletir e opinar sobre o tema e respeitar as diferenças.

Sabendo que a questão de gênero é algo que foi construído ao longo dos séculos, não é mais possível fazer essas afirmações, pois meninos e meninas são diferentes biologicamente, porém isso não significa que não possam brincar das mesmas brincadeiras ou brinquedos. Neste sentido tomamos Arguello para esclarecer quando falamos em identidade:

A identidade tem a ver com a representação, que deve ser compreendida como um processo cultural em que significados são produzidos. No caso específico de identidades de gênero, ser homem ou ser mulher, ser menina ou ser menino, a rigor, não significaria nada, a não ser pelo valor simbólico que a cultura confere a essas identidades produzidas, ou seja, pelas representações que a sociedade constrói sobre as identidades. (ARGUELLO, 2005, p.. 31)

Assim como para Silva:

Primeiramente, a identidade não é uma essência, não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória,

fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (ARGUELLO apud SILVA, 2000, p.96).

Quando pequenos a uma divisão entre meninos e meninas, é imposto que elas precisam aprender desde cedo os afazeres domésticos, enquanto que ao menino cabe ser o chefe da casa. No entanto hoje muitas mulheres sabem fazer coisas ditas masculinas como trocar um pneu, dirigir ônibus e caminhão, ser chefe de uma equipe de arquitetos, sabem mexer em carros melhor que homens. Assim como muitos homens sabem lavar louça, cuidar de uma casa melhor que uma mulher. Então não cabe mais dizer que existem funções masculinas ou femininas, cada pessoa faz as coisas melhor ou pior que os outros. A escola e os professores tem que proporcionar um espaço em que todos possam brincar de tudo, dando a oportunidade das crianças brincarem de diferentes brincadeiras e tipos de brinquedos.



Figura 3: Menino brinca de boneca;
Fonte: ed. Moderna LTDA, 2ª edição, 2001

As literaturas analisadas mostraram a importância de haver um diálogo entre as professoras e professores para que possamos questionar o que estamos propondo as nossas crianças, será que de fato estamos propondo literaturas que as contemplem? Se por um lado as crianças trazem uma cultura “pronta” adquirida no contexto familiar, por vezes cheias de crenças, e preconceitos, de outro lado às famílias estão mudando, temos relações homoafetivas, famílias negras tendo mais acesso as universidades. Com isso as crianças trocam e aprendem umas com as outras e nos questionam todos os dias, por tanto temos o dever de mostra-las que no centro de educação infantil há espaço para todos, temos direitos

igualitários e se queremos um mundo mais justo, sem discriminação dentro e fora da creche, precisamos tratar de assuntos que muitas vezes são deixados de lado por nossa sociedade nesse caso etnia/raça e gênero, não é mais possível diante tudo isso apresentado nesta pesquisa silenciar esses temas tão questionados pelas mulheres, homens e crianças que fazem parte da educação infantil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise das literaturas infantil pesquisada foi possível perceber a representatividade que as crianças possuem nos livros infantis. Neste sentido, o objetivo desta investigação era compreender “Como a literatura na educação infantil pode servir de ferramenta pedagógica para abordar questões de raça, etnia e gênero”? O que foi possível perceber é que nas obras que contemplam Raça e Etnia como o livro ‘As tranças de Bintou’ de Sylviane A. Diouf ele discute a questão racial através da narrativa sobre a cultura africana, mostra a diferença entre um pedaço do continente africano e o Brasil, aqui em nosso país não temos tantas tribos como no início da colonização, temos uma cultura que engloba sim a cultura africana, mas com muitas misturas por sermos um país diverso. Na creche podemos propor atividades mostrando as semelhanças e diferenças entre Brasil e África, as vestimentas, as comidas, os cabelos, a língua. Dialogar que África do sul é um país, mas o continente africano possui vários países diferentes e fica além-mar do nosso país. Mostrar personalidades brasileiras com descendência africana como Pelé, Milton Nascimento, Gilberto Gil que foi ministro da cultura, Gloria Maria Jornalista, enfim temos muitas possibilidades para trabalhar esse livro.

Já, ‘Ana e Ana’ de Celia Godoy, é uma obra que não dialoga diretamente sobre raça/etnia, mas mostra nas imagens das irmãs gêmeas que são duas crianças negras. A autora foca sua narrativa nas diferenças e semelhanças entre as pessoas. Essa literatura nos faz pensar como em vários momentos na educação básica tratamos nossas crianças como todas fossem iguais, como se aprendessem ao mesmo tempo, tivessem o mesmo desenvolvimento, quando na verdade sabemos que cada criança é única, sim possuem os mesmo direitos, mas cada uma delas tem sua personalidade, aprendem a sua maneira, no seu tempo e isso com certeza tem que ser respeitado, até para que elas compreendam que possuem algumas coisas em comum, mas também apresentam diferenças e que isso é natural. Dessa maneira é possível propor jogos, brincadeiras, músicas que mostrem a elas como é bom ser diferente, mas que possuem direitos iguais e isso é o que mais importa e não tentar enquadrá-las tratando-as como homogênea.

Em relação aos livros que abrangem o tema gênero, Menino brinca de boneca? aborda o tratamento diferente em que a sociedade dá a meninos e meninas, ou seja, mostra que as meninas devem ter uma postura mais delicada, serem sensíveis, falar calmo e baixo, enquanto que os meninos devem ser fortes, falar grosso, terem um comportamento diferente

das meninas. Em sala percebível o quanto as crianças questionam cores, roupas, brinquedos, parece que tudo ou é para meninos ou é para as meninas. Por isso esse livro é de extrema importância ser proposto na educação como um todo, pois ele discute de uma maneira simples e sensível temas como machismo, preconceito, e discriminação quanto ao outro. Para começar podem-se mostrar as diversas famílias que constituem nosso país, assim como dialogar que o espaço em que estudamos todos têm os mesmos direitos de usufruí-lo de maneira a brincar com todos os brinquedos, usar todas as cores. Porque se somos diferentes, porque devemos apenas usar uma cor ou brincar com apenas um brinquedo?

Branca de Neve trata de uma menina que sofre nas mãos de sua madrasta e precisa fugir para não ser morta, é defendido por sete anões e casa com o príncipe, esse livro reafirma alguns conceitos que a sociedade impôs por muito tempo às mulheres que era o serviço doméstico e o casamento para alcançar a ascensão social. As crianças precisam saber que hoje vivemos no século 21, em que as mulheres conseguiram vários direitos através de lutas por igualdades, inclusive de não casar caso não queiram, estão cada vez mais no mercado de trabalho e nas universidades, além de estarem à frente de grandes empresas, e algumas até são presidentas da república.

João x Maria por Ruth Rocha relata a história de dois irmãos que acabam sendo sequestrados pela bruxa da floresta. Maria é a grande heroína do livro, apesar de ser colocada em princípio para fazer os serviços domésticos, foi ela quem derrotou a bruxa, salvou o irmão e o ajudou a levar o outro encontrado para seus pais. Nessa história a menina tem uma grande representatividade, pois acaba se transformando na heroína deixando o irmão como coadjuvante. Aqui há a possibilidade de tratar do tema as “heroínas brasileiras” mulheres que lutaram para conquistar seus espaços e pelos direitos igualitários como Anita Garibaldi, Tarsila do Amaral, Chiquinha Gonzaga, Bertha Lutz, entre outras.

De todas as histórias analisadas em apenas uma a menina é representada como princesa, no caso ‘Branca de Neve’. Ela aparece como uma garota frágil que precisa de um príncipe para resgata-la da “morte”, e para alcançar seu final feliz ela necessita casar-se. Em determinado momento da literatura, Branca como em troca de favores pela ajuda dos seus amigos anões, faz os serviços domésticos. A vilã da história é sua madrasta, que é uma mulher má que por inveja deseja a morte de sua enteada, ambas vivem em castelos, são ricas. No entanto a princesa mesmo tendo uma vida abastada de riquezas é uma pessoa boa, humilde que ajuda os que precisam, enquanto que a rainha é a representação do mal. Quanto à figura masculina aparece na história de maneira que seus personagens são sempre bons, trabalhadores, príncipes, cavaleiros que no final salvam a donzela.

Em João x Maria, a menina é a heroína que salva o irmão e mata a bruxa ajudando a família a sair da extrema pobreza. Aqui não há princesa, mas uma menina de classe baixa, que passa por dificuldades financeiras durante toda história inclusive ela recebe a função de limpar, cozinhar, ou seja, fazer os serviços domésticos enquanto está aprisionada na casa da velha bruxa.

Menino Brinca de boneca? mostra o quanto nossa sociedade é machista e preconceituosa, naturalizando atos como, por exemplo, tratar meninas e meninos de maneira total diferente baseado na questão de gênero. Propõe um diálogo entre adultos e crianças sobre o meio em que vivemos e as mudanças que poderemos fazer a partir do momento que começamos a respeitar as diferenças e lutamos juntos pela igualdade de direitos.

As tranças de Bintou x Ana e Ana são dois livros que podemos propor de maneira lúdica à questão étnico racial, mostrando às crianças a cultura africana tão presente em nosso dia a dia, mas que às vezes ignoramos por ser algo relativamente recente. Também em Ana e Ana aborda a questão da mulher que conquista seu objetivo de trabalhar naquilo que almeja Ana Beatriz se profissionaliza em Música e vai trabalhar em uma rádio e Ana Carolina se forma em veterinária realizando o sonho de trabalhar cuidando dos animais. Já em As tranças de Bintou a menina vive em uma tribo em que apenas quando for considerada mulher poderá usar tranças. Com isso percebemos que o conceito de Gênero/Mulher depende da sociedade em que se está inserida.

Em suma é perceptível que as literaturas analisadas de alguma maneira contemplam as crianças que fazem parte da instituição infantil, pois são meninas e meninos diversos que fazem parte da família multicultural brasileira, com muitas cores, além do que não fazem parte da família dita tradicional, temos hoje vários tipos de constituição familiar no nosso contexto escolar.

Nos livros as crianças possuem representatividades diferentes algumas da idade média, outras mais atuais que mostram que a nossa sociedade está mais receptiva aos temas e conceitos até então excluídos, até porque as leis tanto da LDB quanto as do ECA trazem a obrigatoriedade para que esses temas sejam abordados e propostos em sala não sendo mais possível silencia-los.

Atualmente a literatura passou a ser uma ferramenta em que os professores podem utilizar para propor atividades que contemplem raça, etnia e gênero.

Portanto esta pesquisa ajudou a compreender que os livros contemplam a diversidade existente na instituição de educação infantil, porém o número de literaturas encontradas foram poucas, evidenciando que quando o professor/a necessita propor essas temáticas ou utiliza os

livros existentes no Centro de Educação Infantil ou eles mesmos adquirem as literaturas. Em suma é importante trabalhar a literatura de maneira que as crianças se sintam contempladas que possam não perpetuar ou reproduzir os preconceitos e discriminação já existentes em nossa sociedade.

Essa pesquisa foi um pontapé inicial para que pudesse perceber que ainda estamos engatinhando quanto a propor as literaturas que contemplem as diversidades, devido à quantidade reduzida de literaturas que a instituição possui ou recebe do governo que tratam dos temas que essa pesquisa abordou. Além da dificuldade em dialogarmos sobre esses temas principalmente em relação à temática Gênero, pois geralmente não recebemos formação continuada que nos dê embasamento teórico para propormos atividades que as crianças possam serem contempladas.

Como dito estamos apenas no início, mas pretendo dá continuidade a essa pesquisa, quiçá em um mestrado ou em outra especialização. Creio que essa investigação com certeza poderá ajudar minhas colegas e meus colegas de profissão a pensar sobre esses assuntos que muitas vezes são silenciados, assim também como poderão ampliar seu conhecimento em relação aos temas que essa pesquisa trouxe.

Para minha formação foi bastante significativa e pretendo dá continuidade a essa pesquisa para além do meu TCC e levarei meus conhecimentos adquiridos ao longo de minha especialização para minha prática e para a vida.

REFERÊNCIAS

- ARIÉS, Phillippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro. 2ª edição. 1978. Página 4. Tradução: Dora Flasksman. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/347615/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria%20social%20da%20crian%C3%A7a%20e%20da%20fam%C3%ADlia,%20Aries.pdf. Acesso em 19 de janeiro de 2017.
- ARGÜELLO, Zandra Elisa Argüello. **Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil**. Porto Alegre, 2005.
- BRASIL. Lei 9394/96. **Diretrizes curriculares nacionais para educação infantil**. Brasília 2010.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: MEC/SECAD; SEPPIR, jun. 2009.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEE, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>. Acesso em 14 de setembro 2016.
- COELHO, Luciana; PISONI, Silene. **Vygotsky: sua teoria e a influência na educação**. *Revista e-ped-facos/cnecosório* vol. 2 – nº 1 – Ago / 2012 – ISSN 2237-7077. Disponível em: http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/vygotsky_-_sua_teor%C3%ADa_e_a_influ%C3%ADncia_na_educacao.pdf. Acesso em 20 de novembro 2016.
- DEBUS, Eliane Santana Dias. **As vozes das margens na literatura de recepção infantil e juvenil: reflexões sobre a produção de Georgina Martins**. Florianópolis, 2012. Disponível em: <http://peridodico.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795x.2012v30n3p969>. Acesso em 13 de junho 2016.
- DEBUS, Eliane Santana Dias; VASQUES, Margarida Cristina. **A linguagem literária e a pluralidade cultural: contribuições para uma reflexão étnico-racial na escola**. Caxias do Sul, 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/19/18>. Acesso em 13 de junho 2016.
- DEBUS, Eliane. Meninos e meninas negras na literatura infantil brasileira: (des)velando preconceitos. **PERSPECTIVA**, Florianópolis. V. 28, n. 1, pág. 192, jan./jun. 2010.
- DIOUF, Sylviane Anna. **As tranças de Bintou**. São Paulo. Ed. Cosac Naify. 2ª ed., 2010.
- ECA – **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em 20 de novembro 2016.

FARAGO, Cátia Cilene; FOFONCA, Eduardo. **A ANÁLISE DE CONTEÚDO NA PERSPECTIVA DE BARDIN: do rigor metodológico à descoberta de um caminho de significações.** Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/educacao18/artigos/007.pdf>. Acesso em 18 de julho 2016.

FRAIDENRAICH, Verônica; NADAL, Paula; Monroe. **Programas governamentais que oferecem livros a escolas públicas.** Julho de 2010. Disponível em: <http://gestaoescolar.org.br/conteudo/613/programas-governamentais-que-oferecem-livros-a-escolas-publicas>. Acesso em 19 de janeiro de 2017.

FLORIANÓPOLIS. **Diretrizes Curriculares para a Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis / SC – 2015.** P.16.

GODOY, Célia. **Ana e Ana.** São Paulo. Ed. DCL, 1ª ed., 2003.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar.** 8o. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GRIMM, Jacob; GRIMM Wilhelm; adaptação Laurence Bourguignon. **Branca de Neve.** São Paulo: Comboio de Corda, 1ª ed., 2013.

GRIMM, Jacob; GRIMM Wilhelm; recontado por Ruth Rocha. **João e Maria.** São Paulo: Salamandra, 2010.

Lei 10639/2003, **Inclusão no currículo oficial da história e cultura Afro brasileira.** Disponível em:

http://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPDH/Leis_10.639_2003_inclus%C3%A3o_no_curr%C3%ADculo_oficial_da_Hist%C3%B3ria_e_Cultura_Afrobrasileira.pdf.

Acesso em 17/09/2016.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MALINOWSKI, B. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental.** Introdução. São Paulo, Abril, 1976. [1922].

MUSSKOPF, André Sidnei. **Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram.** Tempo e Presença. Ano 3, nº 8. Abril de 2008. Disponível em:

http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=161&cod_boletim=9&tipo=Artigo. Acesso: em 20 de novembro 2016

O que é feminismo. Disponível em: <http://www.significados.com.br/feminismo/>. Acesso em agosto 2016.

Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, 2012.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica.** História, São Paulo, v.24, N.1, P.77-98, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>. Acesso em 20 de novembro de 2016.

PITON, I. M. **Educação e Contemporaneidade**: Análise dos Desafios da Tecnologia Educacional e das Políticas Educacionais no Ensino Médio Paranaense. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Palmas –PR, 2000.

RIBEIRO, Marcos. **Menino brinca de boneca?** São Paulo. Editora Moderna Ltda. 2ª ed., 2001.

SARTORI, Ari José. Gênero na educação: espaço para a diversidade. **Origem dos estudos de Gênero**. Florianópolis. Ed. Genus. 2ª ed., 2006. P. 29.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos**. IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade. Brasília, 2013.

VIVENDO A ADOLESCÊNCIA. **O que é Identidade de Gênero?** Disponível em: <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/identidade-de-genero>. Acesso em 19 de agosto 2016.

WOLFF, Cristina Scheibe; SILVA, Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria. **Gênero**: um conceito importante para o conhecimento do mundo social. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. Livro didático.